



Flor do Carmelo

Ordem dos Carmelitas Descalços Seculares em Portugal

3ª Série, nº 16 março 2021



**«JOSÉ, FILHO DE DAVID, NÃO TEMAS RECEBER MARIA, TUA ESPOSA,
POIS O QUE NELA SE GEROU É FRUTO DO ESPÍRITO SANTO.»**

MT 1, 20



**Frei Francisco Maria
de São José**

Ordem dos
Carmelitas Descalços

S. José: vara florida em deserto quaresmal

Minhas irmãs e meus irmãos, é com imensa alegria e gratidão que vos escrevo estas palavras!

Eis-nos num tempo (especialmente) favorável. Creio que, mais do que nunca, este ano fazemos a experiência do deserto da incerteza devido à fragilidade que a pandemia revelou em cada um de nós e nas nossas comunidades. O tempo de graça da Quaresma é uma oportunidade providencial para atravessarmos em fé, esperança e caridade este deserto imenso e fatídico que se prolonga há vários meses. Nesta caminhada que queremos fazer em conjunto, é-nos apresentada uma figura que nos pode e deve animar a dar passos concretos no caminho de união com Jesus: S. José. Estamos recordados de que o Papa Francisco dedicou este ano de 2021 a S. José. Ora, nós carmelitas, nutrimos um especial carinho pelo pai adotivo de Jesus pois nele contemplamos um «ícone evangélico, no qual podemos ler e entender o que quer dizer realmente “viver em obséquio de Jesus Cristo”», como nos diz o documento assinado pelo nosso Padre Geral e pelo

Superior Geral da Ordem do Carmo, dedicado ao patrocínio de S. José sobre o Carmelo. Também o Papa Francisco assinou uma Carta com a qual inaugurou o Ano de S. José, intitulada *Com coração de pai*. Se José amou Jesus com coração de pai, convidovos a fazermos a experiência de vivermos esta Quaresma com coração de filhos. A partir da paternidade de S. José, podemos fazer a experiência de sermos filhos amados por Deus na sua ternura imensa revelada em Jesus. Acima de tudo, como José, devemos ser filhos que ousam sonhar. Aliás, «cada Carmelo é um lugar de sonhos», e a nossa oração deve ser um sonho para a Humanidade, que atravessa o deserto da noite escura da dúvida perante esta pandemia. Que ao longo desta Quaresma não nos cansemos de sonhar, motivados pela fé que brota da Ressurreição de Cristo, nosso Cordeiro Pascal. Entretanto, não nos esqueçamos de ir até José, «amigo fiel e guia experimentado no caminho de seguimento das pegadas de Jesus», vara florida em deserto quaresmal.

Março 2021

28 - Aniversário do nascimento de Santa Teresa de Jesus

Abril 2021

- 17 Beato Baptista Mantuano (1447-1516)
- 18 Beata Maria da Encarnação – Barbe Acarie (1566-1618)
- 23 Beata Teresa Maria da Cruz (1846-1910)
- 28 Beata Maria Felícia de Jesus Sacramento (1925-1959)

Atividades complementares

O Encontro Nacional da OCDS realizar-se-á na modalidade online nos dias 16 a 18 de Abril, com o tema “Eclesiologia no Magistério da Igreja”. Além dos tempos habituais de oração, constará de uma vertente formativa, com duas conferências, e de tempos de partilha em salas virtuais, com base em perguntas antecipadamente enviadas por email. O programa do Encontro será divulgado em breve com as devidas informações para a inscrição.

Por que te amo, ó Maria!

O Evangelho ensina-me que crescendo em sabedoria
A José, a Maria, Jesus continua submisso
E o coração revela-me com que ternura
Sempre obedeceu aos seus queridos pais.
Agora compreendo o mistério do templo,
As palavras ocultas de um Amável Rei.
Mãe, o teu doce Filho quer que sejas o exemplo
Da alma que O procura na noite da fé.

Amas-nos, Maria, como Jesus nos ama
E consentes por nós em afastar-te d’Ele.
Amar é tudo dar e dar-se a si mesmo
Quiseste demonstrá-lo ficando connosco.
O Salvador conhecia a tua ternura imensa
Sabia os segredos do teu coração maternal
Refúgio dos pecadores, é a ti que Ele nos deixa
Quando abandona a Cruz para nos esperar no Céu.»

Santa Teresinha, PN 54

Viver em comunhão como Maria



O nosso retiro quaresmal realizou-se no fim de semana de 5 a 7 de março. Estava inicialmente previsto que nos juntaríamos no Centro de Espiritualidade de Avesadas, mas a situação sanitária do país novamente impôs o recurso à plataforma digital Zoom. O que permitiu que, de Avesadas, o Pe Agostinho Leal acolhesse os 45 participantes. Na Domus Carmeli estava o Frei Renato Pereira que orientou a nossa estadia no deserto com o tema da comunhão. Tema essencial quando nos encontramos em jejum de comunhão eucarística e encontros comunitários. Para os carmelitas, a comunhão é primordial entre os três ramos, cada um cumprindo a sua missão no carisma teresiano.

O ponto de partida das meditações foi Deus, Comunhão trinitária, fonte da nossa comunhão. Porque fomos criados à imagem e semelhança de um Deus-Comunhão que habita em nós, realizamo-nos plenamente nas relações humanas, na entrega aos outros, no amor e na caridade que transborda do nosso coração à nossa volta. Maria, "cativa de Deus" (S. Isabel da Trindade), conheceu a vivência da Trindade e sempre

foi "apressadamente" ajudar quem precisasse.

Se a Trindade permanece um mistério, sabemos que Jesus Cristo encarnou e foi humano como nós. A união a Jesus Cristo humanado é o caminho para a comunhão. Olhando para Cristo, meditando as suas atitudes no Evangelho, como nos ensina Teresa de Jesus, tudo fica mais concreto, entendemos o caminho a seguir, custe o que custar, até à Cruz. Como Maria, que tudo conservava no seu coração e cresceu na fé ao longo da vida de Jesus.

Na Eucaristia, fazemos memória de Jesus, que se fez pão para nos alimentar e viver connosco. Maria é o nosso modelo para uma plena participação na Eucaristia, da escuta da Palavra ao Assim seja! antes de O recebermos. Todos os santos carmelitas têm uma forte vivência eucarística, que nos faz entender o que é a comunhão e como cuidar dela na família, na sociedade e nas nossas comunidades carmelitas. Cuidar da comunhão é construir a casa da fraternidade no meio do mundo.

Regra nº 11

«Os que aprenderam a recitar as horas canônicas com os clérigos, devem recitá-las conforme estabeleceram os santos Padres e segundo os legítimos costumes da Igreja. Os que não aprenderam, digam vinte e cinco vezes o Pai nosso durante a oração de Vigília, excepto aos Domingos e dias de solenidade, para os quais ordenamos que – na hora de Vigília – se duplique o número mencionado, de modo que o Pai nosso se diga cinquenta vezes. A mesma oração deve recitar-se sete vezes na oração de Laudes e em cada uma das outras horas, à exceção das Vésperas, em que se deverá dizer quinze vezes».

Após o nº 10 sobre a oração pessoal, coração da Regra - «Permaneça cada um na sua cela, meditando dia e noite na lei do Senhor e vigiando em oração», segue o nº 11 da oração comunitária e litúrgica de louvor a Deus. O Ofício das Horas, atualmente a Liturgia das Horas, foi integrado na Regra carmelita porque Santo Alberto pertencia a uma congregação onde tinha uma posição central na prática da oração. No Monte Carmelo, os primeiros carmelitas eremitas já se uniam, cada um

na sua cela, à oração universal da Igreja, rezando as Horas do Ofício Divino.

Entre eles, havia muitos leigos, antigos cruzados, que não sabiam rezar as Horas em latim. Em cada hora, rezavam uma ladainha de Pai-nossos, de que o nº 11 representa a norma. Esta tradição atravessou os séculos e encontra-se

ilustrada na imagem destas contas de Pai-nossos, que rezavam os membros da Ordem Terceira do Carmelo em substituição das Horas. Da direita para esquerda, são 25 contas para a Vigília (hoje Ofício de Leitura), depois 7 contas para Laudes, Prima (entretanto extinta), Tércia, Sexta e Noa, 15 contas para Vésperas e as 7 últimas para Completas. Como Mestre, Jesus ensinou aos discípulos o Pai-nosso, por excelência oração da Igreja e também oração



privilegiada de muitos santos carmelitas, como Teresa de Jesus ou Teresinha.

A Igreja reza com os Salmos das Horas como Cristo também os rezava. Na Liturgia das Horas, o carmelita secular descobre como os Salmos, Cânticos e outras leituras se harmonizam em cada hora e consagram o tempo de todo o dia.

União com Deus em São João da Cruz

Este é para mim um daqueles livros que volto a ler como novidade e que não posso arrumar definitivamente na prateleira. Como a Bíblia ou as obras completas de Teresa e João, o livro tem uma profundidade que não se esgota, até com muitas leituras. Deixo-vos o resumo de alguns excertos.

A união da alma com Deus é o grande tema tratado por São João da Cruz.

Ele remove a união do terreno moral em que às vezes a pensamos para a colocar num movimento mais grandioso e total que engloba a vida inteira. Assim, a santidade não está nuns poucos parâmetros que vamos avaliando como com um termómetro, mas tem mais que ver com a orientação que damos continuamente ao modo de viver os nossos dias. Se queremos encontrar nos escritos de João a chave das relações entre Deus e o homem,

necessitamos de recorrer aos Romances. Mas o que é um romance, tal como foi escrito no século XVI? É uma composição poética popular, que relata uma história para ser ouvida e cantada. João recorre ao romance, baseado nas Escrituras, para cantar as verdades da fé.

No Romance sobre o Evangelho “*In*

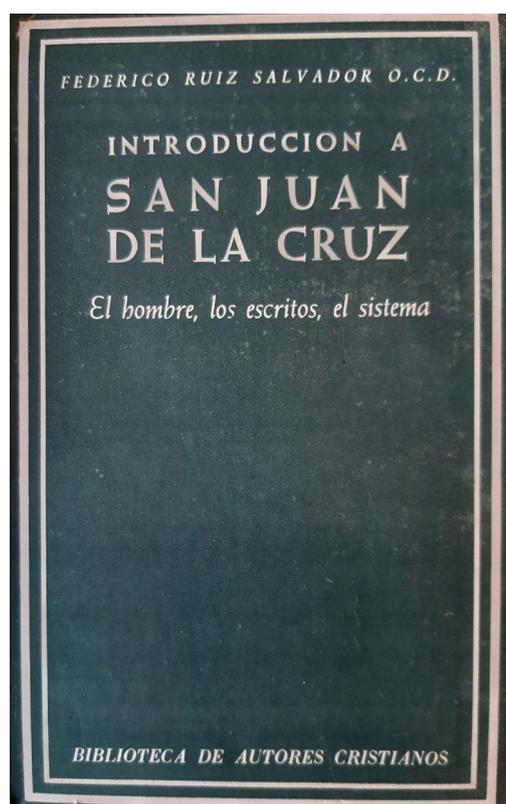
principio erat Verbum”, João traçou em poucos versos as grandes linhas do sistema que orientou toda a sua vida e obra. Por aqui temos de começar a ler todo o demais. Muitos erros de interpretação se teriam evitado se se tivesse ordenado as coisas como ele ordenou, a saber, iniciando a leitura das suas obras pelos Romances. Os romances começam com a vida trinitária e só depois se desenvolvem

as realidades seguintes. Porque, se falamos de relação com Deus e se a união com Deus é o nosso caminho, a primeira e mais autêntica união realiza-se no seio da Trindade. Três pessoas vivem unidas num só ser, que é amor; num mesmo amor que é o seu ser. Aqui temos não só o grande modelo de união, mas a raiz e a razão de ser de qualquer outra união.

O Pai cria o mundo e envia o Filho para O revelar e fazer participar da unidade trinitária as criaturas racionais. Tudo

isso se realiza por meio do amor, “que o amor de um mesmo Esposo uma esposa os fazia” (Rom 4).

Num primeiro momento contemplámos a unidade das divinas pessoas, e num segundo momento foi-nos revelado que as criaturas participam dessa unidade pelas grandes obras da criação e da



Encarnação. É uma união de anjos e homens numa só Igreja pelo amor, que a todos une com Cristo. Algo tão grandioso aguarda uma resposta semelhante ao fiat de Maria: que falta para completar a união? Falta apenas o retorno dessas criaturas, por meio da união entre si e com Cristo, ao seio da unidade trinitária. É comum que nos trabalhos sobre João deixem em segundo plano essas realidades últimas da história, tratando mais de fixar uma linha de pensamento analítico. Mas deste modo perde-se o que é o centro e o coração do pensamento de João, a ideia diretriz da sua obra, digamos uma vez mais: é a união de amor. A união de amor foi a força interior da vida de João.

A formulação união do homem com Deus, destaca três elementos: Deus, homem, união. Mas que significam estas palavras na densa experiência de João e de tantos santos carmelitas? Desejávamos entrar mais na essência desta expressão. Por isso avançamos recorrendo a um quarto elemento essencial: união do homem com Deus em Jesus Cristo. Apesar do acréscimo esta fórmula deixa-nos insatisfeitos, como se não captasse todo o dinamismo dos escritos de João. Tentemos uma nova fórmula: união do homem com Deus em Jesus Cristo por meio da fé, esperança e caridade. A expressão é adequada. Basta integrar duas facetas complementares:

a união implica negação; as virtudes teológicas culminam na contemplação.

Os diferentes elementos relacionam-se estreitamente. Deus está no centro. Tudo o demais, que entre posteriormente em cena, terá de orientar-se para Ele.

Resumindo, temos sete elementos. Entre eles, três são pessoas: Deus, o homem, Jesus Cristo. Dois são funções:

união e negação. Dois são meios: virtudes teológicas e contemplação.

O homem encontra o seu equilíbrio pessoal na relação interpessoal. Os sete elementos entram em jogo na organização da vida moral e nas circunstâncias com que cada um se depara no seu caminho ao longo da vida.

Tudo se mantém unido em coesão. João passa de um elemento a outro com facilidade, porque chegou à veia subterrânea de onde nascem os diferentes mananciais que brotam na superfície.

Ao falar de Deus e do homem, João tem a intenção de manifestar uma realidade vivida mais do que aconselhar uma atitude.

Por isso João não deve ser

reduzido a um modelo de guia espiritual. Perderia o seu valor mais autêntico. Para o autor deste livro, a linha original de toda a mensagem de João está nos poemas que nasceram como desabafo da sua experiência divina.



São José, pai amado



O primeiro atributo de São José destacado pelo Papa Francisco na Carta Patris corde é de ter sido “sempre amado pelo povo cristão”. Muitos santos recomendaram-se a ele. Muitas igrejas, instituições e grupos eclesiais adotaram o seu nome e sua espiritualidade.

«A grandeza de São José consiste no facto de ter sido o esposo de Maria e o pai de Jesus. Como tal, afirma São João Crisóstomo, «colocou-se inteiramente ao serviço do plano salvífico». São Paulo VI faz notar que a sua paternidade se exprimiu, concretamente, «em ter feito da sua vida um serviço, um sacrifício, ao mistério da encarnação e à conjunta missão redentora; em ter usado da autoridade legal que detinha sobre a Sagrada Família para lhe fazer dom total de si mesmo, da sua vida, do seu trabalho; em ter convertido a sua vocação humana ao amor doméstico na oblação sobre-humana de si mesmo, do seu coração e de todas as capacidades no amor colocado ao serviço do Messias nascido na sua casa».

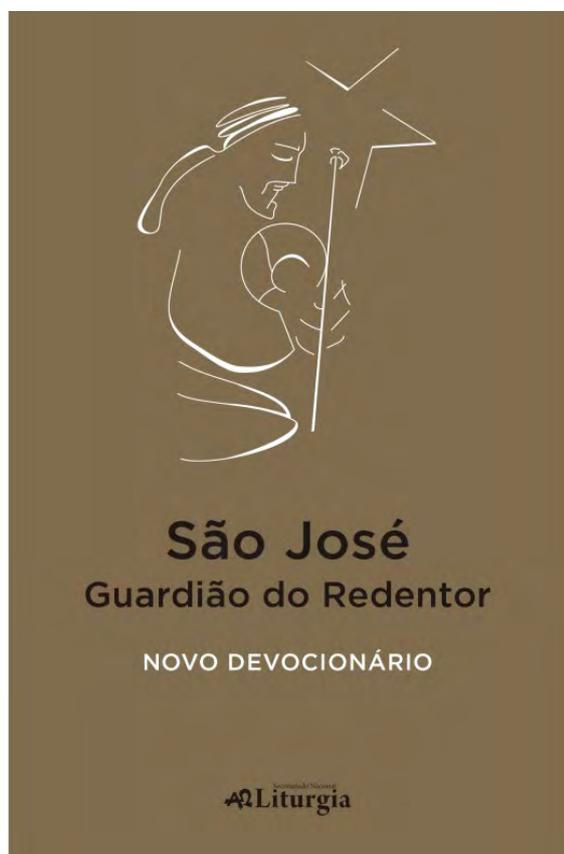
Por este seu papel na história da salvação, São José é um pai que foi sempre amado pelo povo cristão, como prova o facto de lhe terem sido dedicadas numerosas igrejas por todo o mundo; de muitos institutos religiosos, confrarias e grupos eclesiais se terem inspirado na sua espiritualidade e adotado o seu

nome; e de, há séculos, se realizarem em sua honra várias representações sacras. Muitos Santos e Santas foram seus devotos apaixonados, entre os quais se conta Teresa de Ávila que o adotou como advogado e intercessor, recomendando-se instantemente a São José e recebendo todas as graças que lhe pedia; animada pela própria experiência, a Santa persuadia os outros a serem igualmente devotos dele. Em todo o manual de orações, há sempre alguma a São José. São-lhe dirigidas invocações especiais todas as quartas-feiras e, de forma particular, durante o mês de março inteiro, tradicionalmente dedicado a ele.

A confiança do povo em São José está contida na expressão «ite ad Joseph», que faz referência ao período de carestia no Egito, quando o povo pedia pão ao Faraó e ele respondia: «Ide ter com José; fazei o que ele vos disser» (Gn 41, 55). Tratava-se de José, filho de Jacob, que acabara vendido, vítima da inveja dos seus irmãos (cf. Gn 37, 11-28); e posteriormente – segundo a narração bíblica – tornou-se vice-rei do Egito (cf. Gn 41, 41-44).

Enquanto descendente de David (cf. Mt 1, 16.20), de cuja raiz deveria nascer Jesus segundo a promessa feita ao rei pelo profeta Natan (cf. 2 Sam 7), e como esposo de Maria de Nazaré, São José constitui a dobradiça que une o Antigo e o Novo Testamento.»

(continua)



O Secretariado Nacional da Liturgia (SNL), da Conferência Episcopal Portuguesa, publicou um novo devocionário dedicado a São José intitulado 'Guardião do Redentor'. A Liturgia comemora frequentemente a figura e a missão de São José. O bispo D. José Cordeiro, presidente da Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade, sublinha na apresentação que o devocionário lembra a harmonização entre liturgia e piedade popular. Não tenhamos medo de ir a São José e ser como ele, recebendo Deus no coração e na inteligência e de O comunicar na alegria da fé, da esperança e da caridade. <https://livros.liturgia.pt/espiritualidade/368-sao-jose-guardiao-do-redentor.html>



O programa ECCLESIA na Antena 1 da rádio pública iniciou no dia 22 de Fevereiro, pelas 22h45, uma proposta de Quaresma inspirada no Ano de São José. São conversas de cerca de dez minutos que apresentam o pai adoptivo de Jesus nas suas várias dimensões. José Carlos Carvalho, biblista e professor na Universidade Católica, foi o primeiro entrevistado. Seguiram-se o Caminho de Quaresma da diocese de Setúbal e as entrevistas de Juan Ambrósio,

professor de Teologia na UCP, e mais ainda até à Páscoa.

<https://agencia.ecclesia.pt/porta1/tag/sao-jose/>



Servo fiel, humilde e silencioso,
São José faz das mãos
a sua glória:
Mãos que trabalham, mãos que
rezam, mãos unidas,
Em plena doação
à vontade divina
E ao coração dos outros.

As mãos de São José
são mãos sagradas;
Nelas se concentra
a alma em oração,
E com elas defende
e ampara o Deus Menino
E com elas defende
e ampara a Virgem Mãe,
Por desígnio de Deus.

Servo fiel, humilde e silencioso,
Mártir da solidão em longo exílio,
São José nos ensina
a caminhar na vida,
A edificar na fé
a paz dos nossos lares
E a renovar o mundo.

Hino da Liturgia das Horas

Coordenação: Nicole Vareta

Morada: OCDS - Domus Carmeli
R. do Imaculado Coração de Maria 17, 2495-441 Fátima

Página online: www.seculares.carmelitas.pt